

Affonso Domingues

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Conclusão. Vid. pag. 393)

XV

PRINCIPAES ARTISTAS EMPREGADOS NA CONSTRUCÇÃO DO MOSTEIRO

Depois de termos tratado do edificio monumental da Batalha, não com a miudeza que o assumpto requeria para que se pozesse bem em relêvo todos os seus primores, nem com os juizos e considerações necessarias ao esclarecimento das diversas questões de arte que lhes dizem respeito; mas do modo que nos foi possivel, e em attenção aos limites d'este jornal; resta-nos agora consignar aqui os nomes dos principaes artistas que concorreram para a edificação do monumento.

Se nos contentassemos de fazer uma simples resenha d'esses nomes, mui facil nos sería a tarefa, pois que o patriarcha D. Francisco de S. Luiz colligiu-os na sua já citada memoria historica, depois de ter investigado com verdadeiro zêlo e cuidado o real archivo da Torre do Tombo e o cartorio do respectivo mosteiro; e adduziu ácerca d'elles algumas noticias interessantes. Mas como o nosso desejo nos leva mais longe, e por caminhos escurissimos, difficil se nos torna a empreza.

O que n'este assumpto muito convinha, e onde folgariamos de chegar, se podessemos, era designar a parte que teve cada um dos artistas n'esse glorioso trabalho. Sem essa designação nunca se poderá julgar completa a historia do monumento, por mais habilitado e competente que seja o escriptor que houver de a traçar. Infelizmente, é este o capitulo mais escuro e mysterioso d'aquella historia.

Reconheceu esta conveniencia o sabio auctor da referida memoria historica, esforçando-se por lançar alguma luz na questão. Porém as trevas que a envolviam não eram d'aquellas que se desvanecem facilmente. Logo ao entrar na materia se apresenta a maior difficuldade d'ella, e a que mais importaria vencer para honra e credito de Portugal. Alludimos á questão de quem foi o primeiro architecto do mosteiro da Batalha. Esta é que é a questão que mais interessa o nosso orgulho de nação civilisada, e que mais aproveita á historia da architectura portugueza; pois que o monumento de D. João I é a obra de architectura mais homogenea e completa, e de maior primor e perfeição que até hoje se tem construido em o nosso paiz; sendo ao mesmo tempo reputada entre os estranhos como um dos mais perfeitos exemplares da arte gothica existentes na Europa.

Apesar de todas as investigações que se tem feito, não se tem encontrado documento algum contemporaneo que declare o nome do architecto que delineou tão maravilhosa fabrica. Todavia, a tradição passada de paes a filhos e acceite por varios escriptores antigos, diz que esse eminente architecto se chamava *Affonso Domingues*. O que se sabe positivamente, porque consta de documentos officiaes, é que este architecto dirigiu as obras nos primeiros annos da fundação; que era fallecido em 1402; e que não apparece documento que falle de outro architecto do edificio em todo o periodo de 16 annos de andamento dos trabalhos, desde o começo d'estes, em 1386 ou 87, até á data de 1402.

É muito para admirar, não devemos negal-o, que houvesse n'aquella epocha em Portugal um artista tão consummado como o que fez o risco do monumento, achando-se a architectura entre nós, antes da execução d'esta obra, em estado que, se não era de grande atrazo, tambem não se lhe poderá chamar de adiantamento; em um estado, pelo menos, que nenhuma memoria ou documento nos auctorisa para o considerarmos como eschola, d'onde podesse saír um artista tão completo.

Todavia, se estas considerações podem servir de fundamento para recusar a Affonso Domingues a gloria da invenção do desenho, tão bello e engenhoso, tambem deverão servir para o julgar incapaz de dirigir a construcção de similhante fabrica; pois é tal, que forçosamente demandaria para esse serviço um

architecto de subido talento e de reconhecida pratica. Porém, como não podémos duvidar de que lhe fosse commettida a execução e direcção da obra, concluiremos que não deve causar espanto que tivesse capacidade para fazer a traça quem soube dirigil-a com tamanho acêrto e sciencia.

N'este caso lançâmos mão de uma conjectura, não pela necessidade de sair do embaraço, mas porque nos parece acceitavel e muito plausivel. Vem a ser, que talvez Affonso Domingues tivesse saído da sua patria antes da acclamação do mestre de Aviz, com o intento de se instruir e aperfeiçoar na sua arte. Bem sabemos que n'essa epocha não eram dados os artistas, pelo menos os nossos, a procurar taes meios de estudo. Entretanto, tendo estado em Portugal, no reinado del-rei D. Fernando, e com alguma demora, dois principes inglezes, o conde de Cambridge e um seu irmão natural, filhos de Duarte III, rei de Inglaterra, póde ser que Affonso Domingues, levado pelo amor da arte ou por outro qualquer respeito, se resolvesse a acompanhar algum d'elles na sua volta para a Inglaterra, paiz classico da architectura gothica do genero do da Batalha.

Pena é que em materia de tanto interesse seja mister recorrer a conjecturas; comtudo não se devem desprezar, mórmente se são adduzidas, não para fundamento, mas unicamente para corroborar outras razões, ou para procurar alguma explicação plausivel do que de si é escuro.

Portanto, em vista do que deixâmos exposto, cremos que foi Affonso Domingues o architecto, que traçou a planta do mosteiro da Batalha e dirigiu as obras até á sua morte. Não se sabe ao certo o anno em que falleceu, mas deveria ser na entrada do seculo XV, porque de um documento do anno de 1402 consta que já era fallecido, e que fôra substituido na direcção da obra da Batalha por mestre Huet, Huguet, ou Ouguet, pois que o seu nome se acha escripto d'estes differentes modos nos documentos que lhe dizem respeito.

Nasceu Affonso Domingues na cidade de Lisboa, e foi baptisado na egreja da Magdalena. E a isto se reduzem todas as noticias que a historia archivou de um artista tão distincto, de um architecto que erigiu o monumento, que apesar do correr dos seculos e dos progressos da civilisação, é ainda hoje a obra prima, o monumento por excellencia entre os mais sumptuosos edificios de Portugal.

Attendendo aos annos que Affonso Domingues esteve á frente d'aquelles trabalhos, devemos suppor que deixou a egreja em bastante adiantamento e apenas começada a capella do Fundador, sacristia, casa do capitulo e claustro real; pois que nas fundações dos mosteiros era costume dar principio ao mesmo tempo ás suas principaes officinas, embora se activassem mais os trabalhos em uma que em outra.

O retrato que adorna este numero do *Archivo* é copiado do busto esculpido em pedra que se vê na casa do capitulo, e do qual fallámos a pag. 275.

Tambem não é ponto cabalmente averiguado que esse busto represente as feições de Affonso Domingues. Sendo construida a maior parte da casa do capitulo depois da sua morte, ha justo motivo de dúvida ácerca do nome da pessoa que o dito busto representa. Que é o retrato do architecto da obra não se duvida, nem se póde duvidar, porque lá lhe esculpiram a esquadria, bem significativa divisa. Mas de qual dos dois architectos será? De Affonso Domingues, que delineou e deu principio á casa, ou de mestre Huet, que lhe succedeu no cargo e executou a parte principal da obra? Parece mais provavel que fosse uma homenagem prestada ao artista já fallecido, que era o verdadeiro auctor de toda aquella estupenda fabrica. E esta opinião acha-se fortalecida pela tradição. Assim, forçoso é acceital-as na falta de documento que mais valha.

Entretanto, offerece-se-nos uma dúvida, que, não podendo resolvel-a, a deixaremos aqui registada como um simples reparo. A touca, especie de turbante em volta da cabeça, como se vê no referido busto, foi moda estrangeira, introduzida em o nosso paiz, segundo cremos, nos principios do seculo XV, mas posteriormente ao anno de 1402. Perece-nos que a sua introducção coincidiu com a de outras modas no vestuario, e com a dos motes em francez de que usaram como divisa el-rei D. João I e todos os seus filhos; modas e usos que nos vieram com o muito trato que teve com estrangeiros a corte d'este soberano.

Foi n'este reinado que se principiaram a introduzir, ou, pelo menos, que se fez maior importação de modas e usos estrangeiros, sobre tudo francezes. E d'isto se queixavam os affeiçoados a Castella, lançando todos esses escandalos e affrontas aos bons usos e costumes do povo, como elles diziam, a cargo del-rei e de seus filhos, e principalmente d'estes, que eram os primeiros a dar o exemplo n'essas innovações.

Nas pessoas nobres caía-lhes da touca, mais parecida com um chapéo do que com um turbante, sobre o hombro uma ponta que descia até a baixo da cintura, e outras vezes até quasi aos pés; a qual ora deixavam fluctuar á mercê do vento, ora prendiam na cintura, ou lançavam sobre o hombro, caíndo parte para as costas e a outra parte sobre o peito.

Nos plebeus era a touca, mais commummente, do feitio que mostra o retrato. Todavia, ainda que seja admittida como certa esta nossa opinião, a introducção da moda foi tão pouco posterior á morte de Affonso Domingues, que não se póde affirmar que elle não chegasse a usar d'ella, e sobre tudo se acaso viajou pelo estrangeiro, como nos inclinâmos a crer, onde a moda era muito mais antiga.

Succedeu a Affonso Domingues, como dissemos, na direcção da obra da Batalha *mestre Huguet* ou *Huet*. Da vida d'este artista ainda ha menos noticias, pois que até se ignora qual era o paiz da sua naturalidade. A julgar, porém, pelo seu appellido, poderá dar-se-lhe a França por patria. Tambem não ha certeza do anno em que morreu. Presume o patriarcha D. Francisco de S. Luiz que seria em 1438, ou pouco antes.

Sendo obras suas, como entendemos que são, o acabamento da egreja, da capella do Fundador, da sacristia, da casa do capitulo e do refeitorio, e grande parte do claustro real, bem merece o epitheto de digno successor de Affonso Domingues, pela grande pericia com que dirigiu tão difficeis trabalhos.

Foi este mesmo architecto, certamente, quem fez o risco primitivo e deu principio ás capellas imperfeitas, pois que el-rei D. Duarte, seu fundador, falleceu no anno de 1438, pouco depois de ter morrido mestre Huguet.

A este artista succedeu no mesmo cargo *Martim Vasques*, que andava empregado nas obras desde o tempo del-rei D. João I. Ainda foi nomeado por carta del-rei D. Duarte, poucos mezes antes da sua morte. Não logrou por muitos annos o seu novo emprego, pois que já não vivia em 1448. Continuou a obra do claustro real, que nunca se concluiu, e que ao presente se trata de acabar; desenhou e começou a construcção do segundo claustro, chamado *de D. Affonso* V, por ser feito durante o reinado d'este soberano; e proseguiu com a obra das capellas imperfeitas em conformidade com o risco primitivo. A julgar do seu merecimento pela traça do segundo claustro, é forçoso confessar que em talentos ficava muito áquem dos architectos que o precederam.

Teve por successor n'estes trabalhos a seu sobrinho, *Fernão d'Evora*, que dirigiu a continuação d'elles durante a maior parte do reinado de D. Affonso V, pois que ainda vivia no anno de 1473. Concluiu o se-

gundo claustro e dormitorios e mais officinas, que se levantam por cima e em volta d'elle. Este architecto não executou obra alguma importante de risco seu em que podesse mostrar a sua habilidade. Parece que se lhe seguiu *Mattheus Fernandes;* se assim succedeu, não fez coisa notavel até ao fim d'aquelle seculo.

Subindo ao throno el-rei D. Manuel, e resolvendo acabar as capellas imperfeitas, encarregou d'essa empreza Mattheus Fernandes. Como se desempenhou d'ella já o sabem os nossos leitores. Alterou o risco primitivo, dando ao monumento de porte simples e severo as feições brincadas e caprichosas da architectura, que symbolisava as felicidades e glorias do reinado de D. Manuel. Relevando-se-lhe simillrante desacato, era, sem dúvida, um architecto muito distincto. Em tudo o que alli executou, principalmente nos dois porticos, exterior e interior, deu evidentes provas de ser um engenhoso interprete da architectura gothico-florida. Foi elle tambem, certamente, que fez os desenhos para as janellas da casa do capitulo e outras obras de ornato feitas na mesma epocha.

Falleceu Mattheus Fernandes a 10 de abril de 1515, succedendo-lhe no cargo outro architecto do mesmo nome, que se presume ser seu filho. Sob a direcção d'este *Mattheus Fernandes* 2.º correram, provavelmente, as obras das capellas imperfeitas durante os seis annos que ainda viveu el-rei D. Manuel, pois crêmos que progrediram em todo o seu reinado, e d'esta opinião démos em outro logar os fundamentos. Consta de um documento que ainda era *mestre das obras da Batalha* em 1525, quarto anno do reinado de D. João III. Falleceria, talvez, em 1528, porque por alvará do primeiro de junho d'este anno nomeou el-rei D. João III a Antonio de Castilho por mestre das ditas obras.

Foi *Antonio de Castilho*, ao que parece, o architecto que commetteu a barbaridade de fazer a terceira e mais repugnante alteração no risco primitivo das capellas imperfeitas, enxertando o estilo do renascimento na architectura gothico-florida. Não fez o artista esta affronta á arte e ao bom gosto, porque não fosse capaz de levar a cabo a obra como a projectára Mattheus Fernandes. Bastam as construcções que desenhou e dirigiu no convento de Thomar, para lhe estabelecerem a sua reputação de eximio architecto n'esse estilo gothico-florido, que nas capellas imperfeitas sacrificou ao amor da novidade.

Antonio de Castilho foi o ultimo architecto habil empregado nas obras da Batalha. As das capellas imperfeitas pararam de todo, segundo julgâmos, debaixo da sua direcção. O claustro de D. João III, se foi riscado por elle, não lhe faz honra. Quanto ao dormitorio, livraria, enfermaria e outras officinas construidas no tempo e por ordem d'aquelle soberano, tiveram por architecto, *Antonio Gomes*, que não se illustrou por certo, com similhante obra.

Continuou a preencher-se nos seguintes reinados o cargo de *mestre das obras da Batalha*, andando-lhe annexo o usufructo de uma casa para sua habitação na villa da Batalha, e proxima ao mosteiro; porém a sua missão reduzia-se a vigiar pela conservação do monumento.

Quanto aos outros artistas que alli trabalharam, ainda estamos menos habilitados para indicar as obras que cada um executou. Todavia, acompanharemos com algumas conjecturas a resenha dos seus nomes e officios, extrahida da memoria do patriarcha D. Francisco de S. Luiz:

MESTRES DAS VIDRAÇAS

Deve-se entender por este titulo, ou pelas qualificações de *vidraceiro* e *vidreiro* que apparecem nos documentos antigos, os artistas que faziam aquelles admiraveis quadros de vivissimo colorido, representando scenas do velho e novo Testamento, e das vidas dos santos, armas, emblemas e divisas, que constituiam o ornamento de todas as vidraças, e eram o enlêvo dos olhos.

Mestre Guilherme de Bellés ou *de Bolleu*, cujo nome figura em documentos de 1448, 1463 e 1473.

Mestre João vivia nos fins d'esse seculo.

Mestre Antonio Taca falleceu reinando D. João III.

Deveriam ser estes tres artistas, ao que parece, que executaram a obra das vidraças da egreja e da capella do Fundador, e a das vidraças da casa do capitulo em tempo del-rei D. Manuel.

Antonio Taca 2.º e *Antonio Taca* 3.º, que se presume serem filho e neto do 1.º, e *Antonio Vieira*, que morreu pelos annos de 1659, discipulos da eschola alli creada por mestres Guilherme e João, foram empregados, sem dúvida, na obra da Batalha como reparadores, pois que depois da morte del-rei D. Manuel não se fez mais obra alguma d'este genero, a não ser simplesmente reparações.

MESTRES DE ARTES OU OFFICIOS NÃO DESIGNADOS

Mestre Conjati. Apparece este nome em documentos de 1428 a 1443.

Mestre Miguel — *Idem* de 1440.

Mestre Boutaca ou *Botaca* — *Idem* de 1509 a 1519, sendo já fallecido em 1528.

Mestre Thomaz — *Idem* de 1512.

Mestre Conrato — *Idem* de 1514.

Apesar d'aquella falta de designação, cremos, attendendo ás datas, que estes cinco artistas trabalharam no edificio da Batalha como esculptores em pedra, os dois primeiros nas obras do monumento primitivo, e os ultimos tres nas capellas imperfeitas e nos outros melhoramentos ou aperfeiçoamentos emprehendidos por el-rei D. Manuel, e dos quaes démos noticia. Mestre Boutaca era tambem habil architecto. Deixou provas do seu talento em várias construcções grandiosas que delineou e dirigiu.

MESTRES DE ARTES OU OFFICIOS DESIGNADOS NOS DOCUMENTOS

Gil Eannes, imaginador — 1465.
Affonso Lopes, imaginario — 1534 a 1555.
Duarte Mendes, entalhador — 1535.
Henrique Francez, entalhador — 1535.
João Gonçalves da Rua, entalhador — 1536.
Pero Taca, entalhador — 1549 a 1561.
Francisco Taca, pintor — 1566.
Alvaro Mourato, pintor — 1592.

Chamavam antigamente *imaginador* ou *imaginario* aos estatuarios e esculptores de ornato em pedra. A estes ultimos tambem ás vezes designavam com o nome de entalhador; porém este termo era mais commummente applicado aos esculptores em madeira, como ainda hoje se applica.

I. DE VILHENA BARBOSA.

COSTUMES CHINS

É geralmente sabido que na China se fazem convites com instancia, mas com o intuito de serem recusados; o que porventura acceitasse provaria má educação.

Contam uns missionarios o seguinte facto notavel, que caracterisa os chins [1]:

«Era por um dia de festa. Deviamos celebrar missa na casa do principal catechista da povoação, que tinha excellente capella. Os christãos das povoações visinhas alli affluiram em grande numero. Depois da ceremonia religiosa, o dono da casa foi-se ao meio do pateo e gritou aos christãos que saíam da capella:

— «Não sáia ninguem. Convido hoje todos para comerem arroz em minha casa.

«Depois dirigia-se ora a uns ora a outros para os

[1] M. Huc — «L'empire chinois.»

obrigar a ficar; mas observámos que cada qual allegava as suas razões e não ficava. O dono da casa parecia desgostoso por este facto, quando notou que um de seus primos tambem ia sair; então dirigiu-se a elle, gritando-lhe:

—«Pois tambem tu, primo, te vaes? Não póde ser. Hoje é dia de festa, e por isso quero que fiques.

—«Não instes commigo; tenho que ir ter com a familia para tratar de uns negocios.

—«Hoje é dia de descanço para todos; não ha negocios! Has de ficar, sim; não te deixo.

«E ao mesmo tempo segurava-o pelas vestes e fazia esforços para conter o primo, que debalde pretendia demonstrar-lhe que os negocios não o deixavam livre.

—«Visto que não consigo que jantes commigo, bebâmos juntos um copo de vinho.

«E os dois entraram em uma sala.

«O dono da casa ordenou em voz alta, mas sem se dirigir a pessoa alguma, que frigissem dois ovos e aquecessem vinho. Em quanto o vinho e os ovos não appareciam, os dois conversaram e fumaram por algum tempo, mas ninguem serviu o vinho. O primo, que tinha na verdade pressa, perguntou delicadamente se ainda tardariam muito em apparecer com o vinho quente.

—«Vinho!—exclama o dono da casa—vinho! É o que não temos! Pois não sabes que não bebo vinho, porque me faz mal?

—«Devias então deixar-me sair, porque eu não podia demorar-me.

A estas palavras o dono da casa levantou-se, e, encarando o primo com certa indignação, diz-lhe:

—«Em que nação vives tu, desejava sabel-o? Tenho a delicadeza de offerecer-te vinho, e tu não tens a de recusar! Entre quem te educaste! Seguirás os exemplos dos Mongols! Talvez...

«O pobre primo comprehendeu que não tinha procedido bem em acceitar; balbuciou algumas palavras de desculpa, e, depois de ter accendido o cachimbo, saiu.

«Estavamos presentes a este singular espectaculo.

«Logo que o primo se partiu, não podémos deixar de rir com prazer; mas o dono da casa não ria; estava muito serio e parecia indignado. Perguntou-nos se tinhamos já visto homem tão ridiculo, tão grosseiro e tão falto de intelligencia, como seu primo; e recordou-nos o grande principio de que um homem cortez deve sempre corresponder aos actos de delicadeza com eguaes actos, e recusar graciosamente o offerecimento do que tem a civilidade de lh'o fazer.

—«Se não fôra isso, exclamou elle, como se poderia viver!

«Ouvimol-o sem dar a nossa opinião a favor nem contra, pois, em muitos casos, é difficillimo ter uma regra certa e applicavel a todos, principalmente no que se refere aos costumes particulares dos povos. Figurou-se-nos, todavia, que comprehendemos a razão d'este modo de entender a delicadeza: uns querem ter a satisfação de se mostrarem generosos, sem custo, para com todos; e os outros querem receber os convites para terem egualmente o prazer de recusal-os.... Mas como isto é na China, não nos admiremos.»

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

(Conclusão. Vid. pag. 162)

Não adormentou Constantino á sombra dos laureis, por elle conquistados nos campos da lide onde as nações civilisadas fazem hoje em dia o alardo das suas forças industriaes—as exposições. Novos primores, especies desconhecidas na flora artificial, vieram realçar e universalisar o renome da sua fabrica. Não havia armazem de modas que não tivesse flores de Constantino, nem baile em que não se admirassem as grinaldas e ramos do artista portuguez.

Mas o excesso do trabalho aggravou-lhe os antigos padecimentos, com tanto risco de vida, que a medicina lhe aconselhou os ares patrios. Quando se soube em Paris que a doença de Constantino o obrigava a ausentar-se de França, não lhe faltaram propostas para que elle trespassasse a fabrica. Sendo, porém, mui vantajosa a que lhe foi feita por Marchais frères, antigos floristas de Paris, Constantino acceitou-a, e logo depois regressou a Portugal.

Foi isto em 1854. Esteve algum tempo em Lisboa e na sua provincia; mas, sentindo-se melhor, e desejando ainda concorrer á exposição universal de Paris, que devia abrir-se em maio de 1855, Constantino voltou a Paris, e conseguiu que ainda por sua direcção e em seu nome se expozessem alli maravilhosos ramos de flores artificiaes.

E não só isso: foi elle o mais efficaz auxiliar que teve a commissão portugueza enviada á exposição de Paris, como declara o sr. conde d'Avila, commissario regio de Portugal, a pag. 10, t. I do relatorio dirigido ao governo, por estas palavras: *Foi auxiliado* (o sr. visconde de Villa Maior, vogal da commissão) *na collocação dos productos* (portuguezes) *pelo sr. Constantino José Marques, que se prestou da melhor vontade a este trabalho.* Dizendo mais a pag. 5—*que as flores que elle expozera haviam excitado a admiração geral.*

Encerrada a exposição, teve o nosso artista de luctar contra a fraude com que os cessionarios pretenderam interpretar uma das clausulas da venda da sua fabrica, que era prestar-se Constantino nos primeiros annos a dar o seu conselho sobre alguns processos do fabrico das flores. Como elle se demorasse em Portugal mais tempo do que suppunha, por não estar ainda convalescido, propozeram-lhe os cessionarios uma acção de perdas e damnos, no valor de setenta mil francos, que, depois de ser pleiteada nos tribunaes francezes, Constantino venceu a demanda, porém foi resilido o contrato, voltando elle outra vez a possuir a sua fabrica em 1855.

Entregue de novo á gerencia de um estabelecimento que demandava tão assidua applicação, esteve a ponto de succumbir ao aggravamento das suas molestias, pelo que se retirou de todo á vida privada, alienando definitivamente a sua fabrica da rua d'Antin em Paris, que passou a outros possuidores, e ainda hoje goza da fama que o nosso insigne compatriota adquiriu para tão mimosa industria.

Eis porque não figurou Constantino na exposição do Porto, onde nacionaes e estranhos esperavam encontrar novas maravilhas do seu talento artistico.

Constantino não primava só por ser o rei dos floristas; a austeridade de seus costumes, a sua generosidade e beneficencia, tinham-lhe grangeado as sympathias da nação que o adoptára. Na sua fabrica admittia donzellas pobres, a quem dava educação, e muitas d'alli saíram já prendadas, e hoje estão na prosperidade. O arcebispo de Paris foi por vezes visitar a fabrica de Constantino, e louvar o regimen moral e religioso que alli se observava.

Antes de se retirar de Paris, o piedoso artista mandou celebrar, na egreja da Magdalena, uma solemne missa de acção de graças pelos beneficios que a Providencia lhe concedêra durante a sua carreira artistica em França, assistindo a este acto os operarios de ambos os sexos empregados na sua fabrica, e muitos dos seus amigos, prégando n'esta solemnidade o rev. padre Deguerry, que hombreava então nas conferencias religiosas de Paris com Dupanloup, Lacordaire, Ravignan, Grivel e Combalot, os primeiros ora-

dores do pulpito francez. O padre Deguerry fez um eloquente panegyrico dos meritos e do respeitavel caracter do artista portuguez, que mereceu honrosa commemoração nos jornaes da capital d'aquelle imperio.

Prescripções da medicina o retem ainda longe da patria, quebrantado do corpo e do espirito, e já na edade de sessenta e quatro annos, pela maior parte cortados de dores physicas e moraes.

A terra da patria, a que elle deu tanto renome, porque em todo o mundo foram admiradas as flores de Constantino, o receberá ainda com as mesmas manifestações com que outr'ora o festejou no auge dos seus triumphos artisticos.

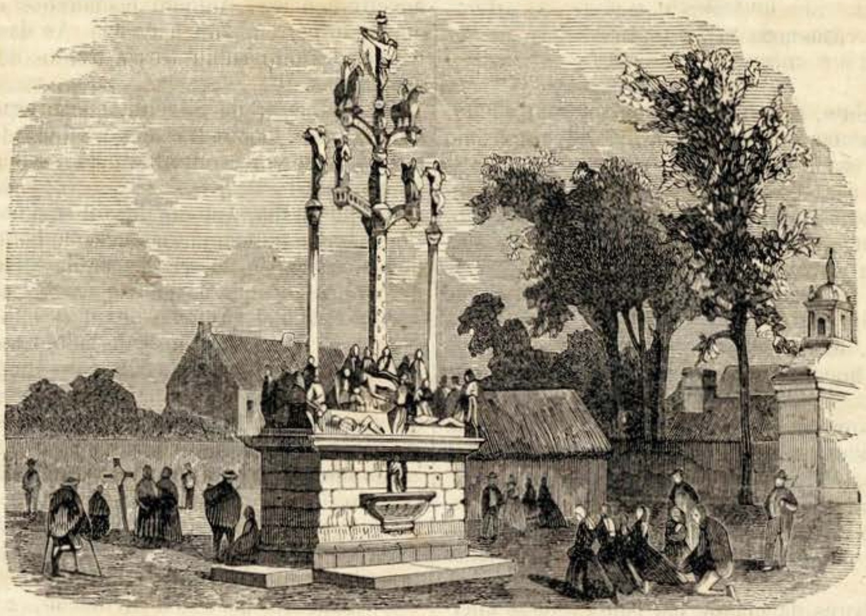
A. DA SILVA TULLIO.

CALVARIO DE S. THEGONNECO

A Bretanha é uma das provincias da França que tem conservado por mais tempo os seus antigos usos e costumes. As crenças populares, as festas, divertimentos, trajos, em fim, o viver das gerações que se sumiram ha seculos na voragem da eternidade, ainda alli se encontram a cada passo em todo o seu vigor e pureza. Entretanto, quem desejar ver com os seus olhos esses quadros que de dia para dia vão desapparecendo, e que em breve apenas poderão ser conhecidos pela leitura dos livros, deve apressar-se a visitar aquella provincia, porque não tardará que os caminhos de ferro, que já a atravessam, acabem com todas essas reminiscencias do passado.

Todavia, restar-lhe-hão muitos monumentos em que esse viver ficou perfeitamente bem retratado, e entre elles alguns de muita originalidade, que deixarão satisfeita a curiosidade dos viajantes. Entre estes ultimos figuram os calvarios, mui singulares monumentos da piedade dos bretões.

O de mais nomeada em toda a Bretanha, pela sumptuosidade da fabrica, é o do *Guimiliàu*. Depois d'este, um dos mais celebres é o de *S. Thegonneco*, que se vê representado em a nossa gravura.



Calvario de S. Thegonneco

S. Thegonneco é uma aldeia situada no *departamento* ou districto de Finistère, na antiga provincia da Bretanha. Fica a 5 kilometros ao S.O. de Morlaix, e a 55 a N.O. da cidade e porto de Brest. Morlaix, que tão proxima está d'aquella aldeia, é uma cidade pequena e velha, tanto pela edade, como pelo seu aspecto. Chamam-lhe até a *Nuremberg* da Bretanha, ou um museu de casas dos seculos XV e XVI. Actualmente tem ahi uma estação o caminho de ferro de Paris a Brest; o que equivale a dizer-se que d'aqui a meia duzia de annos a cidade de Morlaix estará remoçada, e tel-a-hão despojado, provavelmente, de todas essas velharias.

Quanto á aldeia de S. Thegonneco, sómente é notavel por dois monumentos religiosos: a egreja matriz, que podia servir de cathedral a muitas sédes episcopaes, e cujo orago dá o nome á povoação; e o calvario, collocado como cruzeiro em frente da dita egreja, e a pouca distancia d'ella.

Foi construido nos principios do seculo XVII. Jesus Christo ahi está representado, como no Golgotha, cruxificado entre o bom e o mau ladrão. As cruzes estão collocadas sobre um pedestal quadrilongo. A de Jesus Christo, que é muito mais alta, é decorada com varias estatuas. Sobre o pedestal, junto ás bases das cruzes, vêem-se outras estatuas, entre as quaes avulta a Virgem Maria com o Senhor morto nos braços.

Não se revela n'esta obra bom gosto artistico, nem ostenta grandes primores de trabalho; mas é muito curiosa e original.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AS TRES URNAS

TRADIÇÃO ARABE

Um dia o rei Nemrod mandou chamar os seus tres filhos para que viessem á sua presença, e apresentou-lhes tres urnas fechadas nas mãos de tres escravos; uma d'estas urnas era de oiro, a outra de ambar, e a ultima de barro. O rei disse ao primogenito de seus filhos que escolhesse entre as urnas a que lhe parecesse conter o thesouro de maior valor.

O primogenito escolheu a de oiro, na qual estava escripta a palavra *imperio;* abriu-a e encontrou-a cheia de sangue.

O segundo tomou a urna de ambar, onde estava inscripto *gloria;* abriu-a e encontrou-a cheia das cinzas dos homens que tinham tido grande renome no mundo.

O terceiro tomou a urna que restava, e era a de barro; abriu-a, e encontrou-a vasia; mas no fundo lia-se um dos nomes de Deus.

— Qual d'essas urnas pesa mais? — perguntou o rei á sua corte.

Os ambiciosos responderam que era a urna de oiro; os poetas e conquistadores, que era a urna de ambar; os sabios, que era a urna vasia, porque uma só letra do nome de Deus valia mais que o globo da terra.

Lamartine, que refere esta tradição na sua *Historia da Turquia*, accrescenta:

«Seguimos a opinião dos sabios. Julgâmos que as coisas grandes só são grandes pela divindade que encerram; e que quando o Arbitro Supremo julgar a insignificancia das nossas acções, das nossas vaidades e das nossas glorias, só poderá glorificar o seu nome.»

O QUE É A OBRIGAÇÃO

(CONTO POPULAR)

(IMITAÇÃO)

(Conclusão. Vid. pag. 385)

III

No dia seguinte, Antonio preparou-se, com effeito, para se apresentar ao sr. Gaspar da Silveira como promettêra ao seu bemfeitor.

Chegando a casa do sr. Silveira viu que este o esperava com alegria, o que lhe fez agradavel impressão.

— Deseja então empregar-se, Antonio?

— Será essa a maior felicidade para mim.

— Pois se é felicidade, proporcionar-lh'a-hei. O que desejaria fazer?

— O que v. exc. ordenar. O emprego, quer seja penoso, quer humilde, hei de exercel-o sem córar e honradamente.

— Agradam-me as suas palavras. Vê aquellas janellas que deitam sobre o terrado e correspondem á escada principal?

— Vejo, sim, senhor.

— É preciso que venha abril-as todas as manhãs ás oito horas em ponto, porque o porteiro fecha-as todas as noites.

— Ás oito horas da manhã em ponto estarão abertas as janellas, como v. exc. determina. E que hei de fazer depois?

— Nada mais. É a obrigação unica que lhe imponho. E quanto deseja ganhar por esse serviço?

— Esse trabalho não merece recompensa alguma.

— Merece, e eu quero dar-lh'a. Ganhará seiscentos réis diarios.

— Não possso acceitar recompensa tamanha para um trabalho que não merece tal nome.

— Ganhará o que lhe disse, pois desejo pagar bem aos que me sirvam para que estejam contentes.

— Muito obrigado, meu senhor.

— Está, portanto, satisfeito?

— Pois não hei de estar? Beijo as mãos de v. exc. pela felicidade que me dá!

— Lembre-se de que a sua obrigação é vir todos os dias ás oito horas em ponto abrir aquellas janellas, e depois fazer o que lhe apraza.

— Deus o abençoe!...

— Até ámanhã, Antonio.

— Até ámanhã, meu senhor!

A obrigação parecia um tanto estranha ao pobre mancebo, porém elle resolvêra-se a cumpril-a pontualmente.

IV

No primeiro dia, Antonio, que passára a noite sonhando com as janellas, e despertára sobresaltado julgando que tinha já passado a hora de abril-as, levantou-se de madrugada, ás seis horas appareceu ao porteiro do sr. Gaspar da Silveira, ás sete e meia poz a mão nos fechos das janellas, e abriu estas lôgo que soou a primeira badalada das oito.

No segundo dia, Antonio, que tambem sonhára com as janellas, embora não acordasse pensando que passava das horas, levantou-se ás seis; ás seis e meia chegou á escada principal; ás sete e meia aproximou-se das vidraças, e abriu-as ás oito em ponto.

No terceiro dia, Antonio, que já não sonhára com as janellas, levantou-se ás sete horas; ás sete e meia dirigiu-se á escada; ao bater a primeira badalada das oito subiu descançadamente para o terrado; e ao bater a ultima cumpriu a sua obrigação.

No quarto dia, como Antonio ganha seiscentos réis diarios, póde ir algumas vezes ao theatro. Fôra, com effeito, na vespera; e, como se deitou mais tarde, pediu que o chamassem ás sete horas, receiando faltar á sua obrigação. O criado chamou-o tres vezes; mas ás sete e meia ainda se não tinha levantado. Torna o criado a chamal-o; porém Antonio tinha muito somno e não se levantou. Soam as oito horas, e o criado adverte-o d'isso. Antonio levantou-se então resmungando, e correu para a escada. Ao dar a ultima badalada das oito subiu tres a tres os degraus e abriu as janellas.

O sr. Gaspar da Silveira, que o esperava de relogio na mão, por detraz das cortinas de uma janella fronteira, sorriu-se murmurando: — Bem dizia eu ao João Alvaro!

No quinto dia, Antonio dirigiu-se á escada como um raio, porque tinham já soado as oito horas. Abriu as janellas, e o rosto do sr. Gaspar da Silveira sorriu por detraz das cortinas da janella fronteira.

No sexto dia, Antonio ouviu as oito horas no seu quarto, e quer sair; mas de subito uma nuvem tolda-lhe o entendimento, e diz para comsigo com a sobranceria de um heroe de comedia: — Avilto a dignidade de homem tomando as coisas tão a serio. Se não chegar ás oito horas, chegarei ás oito e meia.

Antonio, d'esta vez, abriu as janellas ás oito e meia. O rosto do sr. Gaspar da Silveira, que não perdêra a serenidade nem a alegria, apparece na janella fronteira.

— Antonio, diz, desejo fallar-lhe.

O mancebo obedeceu tremendo, e dirigiu-se ao quarto do sr. Silveira, pensando que não se descuraria mais da sua obrigação para que s. exc. não tivesse occasião de reprehendel-o.

— Qual é a sua obrigação diaria, Antonio?

— Abrir as janellas ás oito horas em ponto.

— E tem-n'a cumprido exactamente?

— Sim, meu senhor.

— Todos os dias?

— Nos ultimos descuidei-me um tanto.

— E por quê?

— Porque tenho outras occupações...

— Não me admira. Custa muito, n'este tempo, viver na capital, e o seu ordenado é pequeno. De hoje em diante, em vez de seiscentos réis ganhará oitocentos, e d'este modo só tratará de cumprir o que lhe encarreguei. Conto que não tornará a descuidar-se da sua obrigação: ás oito horas em ponto desejo ver abertas as janellas do terrado.

— Perdôe-me v. exc. uma falta que é na verdade imperdoavel... mas v. exc. é tão bom e generoso para commigo....

— Perdôo-lhe, sim; porém seja mais cuidadoso.

Antonio saiu do quarto do sr. Gaspar da Silveira exclamando: — Oitocentos réis diarios!... É uma boa sorte! Estou certo de que o sr. Silveira não tornará a reprehender-me.

Como Antonio ganha oito tostões por dia entrou em mundo novo. Escolheu o melhor alfaiate, o sapateiro

mais afamado e o chapeleiro de primeira ordem, e, por conseguinte, melhor sociedade, sociedade de *elegantes*.

Antonio retirava-se já a hora avançada da noite, porque as passava em variados divertimentos: ora no theatro; ora no Marrare; ora na assembléa de tal, d'onde se fizera socio; ora em casa de seu amigo Fulano, onde fôra apresentado pelo seu amigo Sicrano.

— Meu senhor, são já sete horas!

— São sete e meia!

— São quasi oito!

— C'os demonios!... Nem ás oito horas e meia abrirei hoje as janellas! Não me tornará a succeder isto.

Como Antonio ganha oitocentos réis diarios, póde algumas noites, depois do theatro, ir para os botequins, e demorar-se alli até quasi ao amanhecer.

— Ó meu senhor, olhe que já deram oito horas! — dizia o criado batendo á porta do quarto de Antonio.

— Oito horas! Por que me não chamou antes?

— Tenho-o chamado mais de uma duzia de vezes...

— Hoje abrirei as janellas perto das nove horas!... Ergamo-nos... mas tambem é mui enfadonho que um homem esteja todos os dias a fazer a mesma coisa e á mesma hora!

N'aquelle dia, Antonio abriu as janellas ás nove menos um quarto. O sr. Gaspar da Silveira, que o espreitava, segundo o costume, da janella fronteira, disse-lhe d'alli que passasse ao seu quarto.

— Antonio, isto vae de mal em peior. De dia para dia está v. mais descuidado. Antehontem abriu as janellas ás oito horas e um quarto, hontem ás oito e meia, e hoje ás nove. Não póde continuar assim.

— Como não tenho relogio, e os de Lisboa andam tão disparatados, que quando o do Carmo dá oito horas, o da sé dá oito e meia, e o da casa de v. exc. nove... Ninguem assim se entende.

— Tem razão. Para que não allegue, pois, essa desordem de relogios, que é na verdade attendivel, nem falte á sua obrigação, nem eu me veja forçado a reprehendel-o, dar-lhe-hei o meu relogio de algibeira, que é dos melhores, e vale bastante, e juntamente a cadeia. Ahi o tem, e Deus permitta que lhe sirva para se lembrar das oito horas.

E o sr. Gaspar da Silveira acompanhou as palavras da acção, porque, tirando a cadeia e o relogio, deu-os ao mancebo.

— Agradeço-lhe muitissimo este novo favor, sr. Silveira, e procurarei corresponder-lhe não faltando outra vez á minha obrigação.

— Isso me bastará, Antonio. Espero que não tornarei a chamal-o por esta razão.

VI

Como Antonio ganha oitocentos réis diarios e tem relogio de muito valor e cadeia tambem custosa, poderá entrar em outras assembléas, para ter novas diversões. Insta com os seus amigos para que o apresentem em differentes casas. Em algumas joga-se para entreter as visitas, mas quasi sempre se perde dinheiro.

Antonio, o novo apresentado em casa do sr. Tiburcio, perdeu uma noite o dinheiro que levava, e ainda mais, sob palavra, quarenta libras. Para effeituar este pagamento, o mancebo venderá no dia seguinte o relogio e a cadeia que na vespera lhe dera o sr. Gaspar da Silveira.

O jogo em casa do sr. Tiburcio durou até madrugada. A perda, que foi a consequencia d'elle para Antonio, não o deixou adormecer senão perto da hora em que devia acordar para o cumprimento da sua obrigação. O criado chamou-o repetidas vezes ás oito horas, mas sem resultado...

Por fim, Antonio levantou-se e dirigiu-se ao terrado; mas não corre, vae de vagar e tranquillo, embora oiça as nove horas, «pois, reflectia elle, se se apressasse, humilharia a sua dignidade de homem.»

Depois das nove, abriu as vidraças.

O sr. Gaspar da Silveira assomou á janella fronteira, e disse que lhe desejava fallar.

— Antonio, supprimi o emprego que desempenhava na minha casa.

— Perdoar-me-ha v. exc.?

— Nada tenho que perdoar-lhe. Estou agora convencido de que basta *impor* ao homem uma obrigação para que se lhe torne pesada e não a cumpra exactamente, se porventura não for dotado de grande rectidão. Cumpriu-se em v. esse fatal destino da humanidade.

João Alvaro, que estava escondido atraz de um reposteiro, appareceu n'este momento.

— Convem á saude de v. exc. os passeios pela manhã; mas não se *imponha* a obrigação de os dar, porque então nunca passeiará!

VII

Dias depois, o sr. João Alvaro, tendo Antonio sido novamente recenseado, não se empenhou para que o nome d'elle desapparecesse do sorteamento.

Dias depois, Antonio era obrigado a jurar bandeiras no regimento de caçadores n. 5.

Dias depois, o mancebo cançava-se a miude de fazer as mesmas coisas ás mesmas horas, mas a disciplina militar mostrava-lhe severamente que não se podia descuidar da sua obrigação.

E dias depois, nenhum dos antigos amigos de Antonio o conhecia desde que elle mudára de vida.

MORALIDADE D'ESTE CONTO

Cada qual póde utilisar-se, como se lhe figurar melhor, do que fica escripto, porque não houve a pretenção de resolver n'estas linhas um problema de moral; mas parece, em nosso entender, que na sociedade, até nas coisas insignificantes, não basta só *poder*, mas é preciso *querer*; que, para o homem viver bem, é sobre tudo mister juntar á perseverança a dignidade, a sisudez e o pundonor; e que estas circunstancias reunidas é que podem constituir o homem probo. B. A.

LEGADO PARA ESCHOLAS PRIMARIAS

Falleceu na cidade do Porto, domingo, 25 de março do corrente anno de 1866, o sr. Joaquim Ferreira dos Santos, conde de Ferreira. Era um poderoso capitalista, que durante a vida soube valer a innumeros infelizes, e que por sua morte distribuiu a grande riqueza que possuia de modo que revelou christã philosophia e os mais nobres e generosos sentimentos.

Entre os legados que o sr. conde de Ferreira deixou inscriptos no seu notavel testamento, conta-se o de 144:000$000 réis para a construcção de 120 casas proprias para escholas de instrucção primaria, nas cabeças dos concelhos, dispendendo-se 1:200$000 réis em cada uma.

Parece que este valiosissimo legado, de tanto alcance para a educação do povo, lhe fôra suggerido pela leitura dos artigos do digno commissario dos estudos no districto de Lisboa, insertos no *Archivo Pittoresco* [1].

Findando n'este numero o oitavo volume do nosso semanario, apenas temos espaço para esta simples commemoração, mas promettemos desde já publicar opportunamente o retrato do fallecido conde de Ferreira, benemerito da infancia e da instrucção publica, e acompanharemos o retrato com a competente noticia biographica.

[1] Vid. pag. 161, 207 e 208 do vol. VII.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio